

PROPRIETÁRIOS
João Pedro de Sousa
e Lyster Franco
DIRETOR POLÍTICO
João Pedro de Sousa
DIRETOR LITERÁRIO
Lyster Franco
EDITOR E ADMINISTRADOR,
JÓA PEDRO DE SOUSA
PÚBLICA-SE AOS SABADOS

HERALDO

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia do Heraldo
RUA 1.º de Dezembro
FARO
ASSINATURAS
3 meses..... 30 centavos
COMUNICADOS E ANÚNCIOS
Cada linha a centavos. Para a t.
e 2.ª pagina contrato especial.

O "SER" MORAL

Os ferrenhos conservadores e bons católicos, esses que, de corpo e alma se tinham rendido à Loiola e que iam recuando ás aguilhadas do mentor; até ás carnícarias ferozes do Santo Ofício; os ferrenhos conservadores — répetimos — parecem não terem compreendido que, desde o 5 de Outubro, o ser moral da sociedade portuguesa transformou-se quasi por completo e as leis radicais, como o divórcio, a do registo civil obrigatório e da separação da Igreja e do Estado, obedecem, não ao capricho de um ministro, mas ao mandato imperativo de uma Revolução, carateristicamente, livre-pensadora.

Porque não usou a monarquia em Portugal, ao menos, do sistema em pregado em Espanha e tão habilmente, como energicamente, sustentado pelo estadista Canalejas? Porque não aproveitou os homens de incontestável talento, que, defendendo a supremacia do Estado sobre a Igreja ou, pelo menos, equilibrando os dois poderes, temporal e espiritual, estavam decididos a arcar com as furiosas armadas da Reação? Porque não sacrificou, à uma política rasgadamente liberal ou nitidamente eclectica, as imposições do Vaticano e do Gésu? Porque, digam nos?...

Foi porque a monarquia, mais apostólica-romana do que portuguesa, talvez mais papista do que o papa, e, com certeza, mais escrava do Sacré-Cœur, do que da própria Concordata, nunca se identificou, nem de longe, com o pensar, o sentir, a idiosincrasia especial do nosso povo. Se preferisse a leitura da nossa Historia á dos livros de missa, para aprender alguma causa relativamente útil, teria logo encontrado em D. Sancho I. e mais tarde em D. Diniz, exemplos régios tanto mais aproveitáveis quanto nessas épocas a opinião pública era bem diferente do que é atualmente.

Mas não. A parte orleanista da realeza, que sobreviveu à tragédia do Terreiro do Paço, se fez a ieitura da nossa Historia, começou-a quasi, pelo fim: no reinado de D. Maria I.

O que essa parte da realeza procurou sempre, mesmo antes daquele facto sangrento, foi introduzir, integrar no âmago do povo português um ser jesuítico, tórpe, uma bête rancorosa e, da vida, para substituir o ser moral, perfeito na sua singeleza, poético nas suas tradições, que era a antiga crença cristã, isenta de fanatismos, odios e sede de vingança.

Esse antigo ser moral da sociedade portuguesa não merecia, aos livre-pensadores, ataques violentos mas o outro, a léra, o tigre, que mal se disfarçava com a pele do cordeiro, esse merecia-lhes então, e exige-lhes ainda hoje, que medidas energicas, prontas, hostilissem

os seus arrancos e provocais invés-tidas contra a Liberdade

Daí, senhores do conservantismo, encasacados ou de purpura, o ser moral das sociedades modernas, nem mesmo com o antigo se compadece. O antigo, se o ficasmos no berço do cristianismo, tem já a batatela de vinte séculos; porém se aceitarmos a sua origem budista, como querem os eruditos heréticas, havemos de concordar que é quasi fossil.

A sua substancia encontra-se num corpo de doutrinas que, começando pelo temor de Deus, e escalonando pelo amor do proximo, termina por impôr preceitos de humildade, que repugnam á dignidade humana.

O ser moral das sociedades modernas é menos subjetivo e mais científico. Compreende e profunda a Natureza em todos os seus reconditos, mas não vai além de que é acessível á inteligencia do homem, isto é: não mergulha nas abstrações, que conduzem ao desvairamento, não se afunda numa teologia, que é o caos, o intangivel. Passando da ciencia experimental á sociologia, substitue o amor do proximo, bastante problemático, pelos princípios mais seguros e eficazes da solidariedade. E finalmente, não permite que haja deveres sem direitos, nem direitos sem deveres.

Longe, muito longe, estava a sociedade portuguesa do ser moral que nela devia residir. Religião, exigia-se muita religião e nada mais. E em lugar de fazerem avançar essa sociedade, ou de ela avançar de motu-proprio, pelo trilho claro e luminoso que a Razão desbravou, só tentaram fazê-la retroceder, ou retrocedia ela a seu talante, para o obscurantismo e para a opressão.

Falhou o plano. Mas o certo é que falhou quando o trabalho das toupeiras para a obra do retrocesso já estava tão adeantado e já era tão insolito, que necessário foi empregar a Força para que os esforços demoniacos da Reação ficassem, totalmente, inutilizados.

Totalmente, não. O adverbio é exagerado.

Agora é que, aproveitando bem as circunstancias, cumprindo os designios da Revolução, mas dessa Revolução que se fez nos cerebros e nos corações, antecedendo o estripido da artilleria a bordo dos couraçados e na praça da Rotunda; agora é que, sem uma hesitação, sem perda de um momento, se deve atender ao grito de Voltaire: «Encrasons l'infame!»

Não é o ser moral, religioso e puro, que se ataca; é o vêgo inquisidor, o Torquemada invisível, que residindo num setarismo hipócrita e malvado, se transmitiu ao espírito, á alma coletiva do povo, soprando fortemente a Luz que o deslumbraria.

Pompilius

loucamente por um caixete de seu marido, um tal Renato, fino, louro, de maneras doces, com 25 anos de idade.

Ha quinze dias, Renato propôz a Mme Gabriela que abandonasse o lar doméstico para irem ambos viver com dous pom-binhos em um lugar em que ninguém pudesse incomodá-los.

A infel esposa aceitou com alvoroço a ideia do caixete de seu marido. Renato

objetuou-lhe, porém, que não tinha nem um franco de seu, ao que Mme Gabriela disse que ela proporcionaria o dinheiro. Combinarão encontrar-se ás 8 horas da noite na estação de S. Lázaro.

Mme Gabriela foi pontual. A essa hora chegava num elacres.

— Trazes o dinheiro? — perguntou Renato.

— Sim. Tirei da caixa de meu marido um maço de notas. Creio que são 17.000 francos. Além disso tenho na mala 500.

— Muito bem. Pois vamos fazer uma coisa. Tu vais à Bois Colombes e permanecerás 48 horas num hotel que há de entrada. Entre tanto eu percorrerrei os arredores de Paris procurando uma casinha tranquila, com jardim, onde possamos instalar-nos. Ah! Da-me o maço de notas. Terá que dar fiança e comprar moedas.

— Toma, meu queridol — disse a adultera enregando-lhe os 17.000 francos.

E a candida Gabriela partiu para Bois Colombes, instalando-se, com nome: suposto, no hotel que Renato lhe havia indicado.

A este tempo, seu esposo que já havia dado pela falta de Gabriela, do empregado e dos 17.000 francos, arrepelava-se e dizia mal á sua vida.

Passaram os dois dias e Renato não apareceu em Bois Colombes, como havia prometido.

Ela esperou seis dias mais. E por fim, convencida de que havia sido vítima da mala burla, tomou a decisão de voltar a casa de seu marido.

Este recebeu-a com uma franca, mas passando os primeiros momentos de fúria, resignou-se, pensando que... ainda podia ter sido peor.

Mulher e marido, reconciliados e amiginhos — pois no fim de contas o que lá vai lá vai — apresentaram uma queixa contra Renato que, segundo averiguou a polícia, partira para a Belgica com duas raparigas e os 17.000 francos d'ímparo.

— Ai os meus 17.000 francos! — exclamava quasi lacrimosa Mme Gabriela.

— Não são meus, são meus! — rugia e é isso que acrescentava com indignação:

— Roubar a mulher a uma pessoa é uma pouca vergonha, mas enfim, vá! Mais levar-lhe ainda em cima o dinheiro! Isso não lhe perdoarei nunca!

A polícia conseguiu por fim delatar a mão a Renato, no seu regresso da Belgica. No comissariado mostrou-se jovilíssimo e despreocupado, dizendo:

— Diverti-me de grande! Do dinheiro da minha amada já não me resta senão um fraco.

Averiguou-se que Renato é um passaroso bisonho, autor já de outros crimes de burla.

E tem uma apariencia de santiagão?

Flores falsificadas

Em Paris vendem-se raminhos de violetas banhadas em essência de violeta artificial.

Quer dizer, hoje não só se falsificam a edade, as cores do cabelo e do rosto, a forma dos olhos, a dentadura e as formas esculturais das madamas, como também o perfume das flores naturaes com que elas se ornamentam.

14.000 duros numa chaminé

Referem de Salamanca que, na povoação de Alba de Tormes, um pedreiro que estava derrubando a parede da cozinha da sua casa, encontrou um objeto resistente que depois viu ser uma caixa.

Aberia esta caixa, viu-se, com assombro, que continha um tesouro! Havia dentro de 14.000 duros em reluzentes onças de ouro. Esta caixa estava metida na parede a um metro de profundidade.

Foi proprietaria daquela casa, D. Teresa Zupiga, que faleceu no anno de 1912.

Supõe-se que a caixa foi emparedada no anno de 1868, quando se amotinou o povo de Alba de Tormes e se cometaram muitos roubos.

CANÇONEIRO DO Povo

Coração me preveniu...
Que amôr me estava enganando;
Coração não me mediu,
Foi um bruxo adivinhando.

Ave nemuma é capaz
De aguia round a esceder,
Para chegar onte estas
Quem me dera eu aguia ser!

Um ano todo inteirinho
Eu levei a crer em ti,
Hoje sigo outro caminho,
Por ver que um ano perdi.

SPORTSWOMEN

A mulher ingleza práctica todos os sports

Os sports salvaguardam a saúde

a beleza e o futuro dum raça

da, não tendo sido ainda organizado nenhum match publico de críquet.

Não acontece o mesmo co o hockey, cuja estação, sucedendo a do críquet, dura de outubro a março.

O hockey joga-se em todo o Reino-Unido. Inglaterra, Escócia e Irlanda possuem as suas Women's hockey Association, nas quais estão filiadas mais dum duzia de sociedades, contando cada uma multiplas equipes.

Enfim o badminton, cujo principal campeão é mrs. Vrazett, é uma espécie de tennis em que a bola é substituída por um volante guarnecido de penas, muito semelhante ao que é conhecido pelo volant, e que constitua a recreação sportiva das mães e das avós.

Este jogo, essencialmente feminino, faz hoje as delícias da Inglaterra. Cerca de trezentos clubs estão filiados no Badminton Association. Chegou-se até a constituir salas adequadas para este efeito, como em Ealing e em South Kensington, e a fundar um jornal especial que noticia as manifestações de badminton e as proezas cometidas pelas jogadoras.

INTREPÍDAS NAYEGADDERS

No Inglaterra, que é por excelencia uma nação marítima, os sports náuticos estão muito desenvolvidos. Assim a natação é quicá o sport mais seguido nos tres reinos. Este genero de sport, excelente para a saúde e para o desenvolvimento fisico, desde há muitos anos, o preferido pelas mulheres inglesas. E em muitas corridas de natação internacionais tem sido, invariavelmente, as inglesas que leem ganho a palma da vitória.

AMAZONAS E CAÇADORES

As inglesas — as da alta sociedade — são em geral excelentes amazonas.

Manhã cedo, no Hyde-Park, veem-se admiráveis cavalo, montados por geniais amazonas, cujos movimentos precisos, discretos e graciosos revelam perfeito conhecimento da ciencia equestre. Os seus conhecimentos de equitação aplicam-nos à caça. As mulheres inglesas manejam a espingarda e a carabina com uma precisão e uma destreza extraordinárias.

Para bem se avalia as entusiasmo com que, Alem-Mancha, as mulheres se dedicam ao sport ventorial, bastará dizer que em Inglaterra existem mais de duzentos clubs femininos de caça, todos eles com um numero considerável de socias.

UM SPORT EMINENTEMENTE NACIONAL

O tiro ao arco é talvez o mais antigo e o mais nacional de todos os sports ingleses. O tiro ao arco, que não é mais do que um sport, conseguiu alcançar, nestes últimos anos, um verdadeiro sucesso. Contam-se atualmente cerca de cem clubs ou sociedades, todos admitindo mulheres. Nas grandes provas elas sempre destinado um lugar de honra.

Se as mulheres podem utilizar os conhecimentos que a praticam do tiro lhes dão quer na caça, quer nas raras e más circunstancias em que são constrangidas a defender-s, não acontece o mesmo para a esgrima. A esgrima é, sob o ponto de vista da cultura fisica, um admirável exercicio, e o conhecimento das suas grandes virtudes higienicas é, certamente, o motivo grande desenvolvimento que ele vê tendo em todo o Reino-Unido.

Dr. João Pedro de Sousa

Acompanhado de sua família partiu na segunda-feira, para Mirandela sua terra natal, onde conta demorar-se um mês, o sr. dr. João Pedro de Sousa ilustre presidente da comissão executiva da camara municipal desta cidade, e nosso querido diretor político.

Desejamos ao nosso presado amigo muitas felicidades na linda terra que lhe foi berço.

O HERALDO, semanário republicano democrático, é o jornal mais estimado do povo e de maior circulação em toda a província do Algarve.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Berlim despoçou-se

Segundo uma estatística oficial que acaba de ser publicada naquela importante capital, o aumento da população da aglomeração urbana, chamada Grande Berlim (Berlim e arredores), diminuiu em proporções consideráveis durante os últimos anos.

Em 1911, os habitantes da Grande Berlim aumentaram na cifra de 119.000; em 1912, o aumento foi de 108.000; em 1913 foi só de 50.000.

Isto é, o aumento desceu de 3.191 por cento em 1911, a 1.28, em 1913.

Berlim, centro da aglomeração, sofreu em 1913 uma diminuição absoluta. Em 1911, a sua população havia aumentado em 12.138 habitantes, em 1912, em 10.985. Em 1913 diminuiu em 15.900.

A causa desse fenômeno, que se registra também em todas as grandes cidades alemãs é atribuída à carestia da vida é à miséria que reina entre as classes humildes, miséria que os últimos encargos contributivos, cujo produto se destina a aumentar o exército e a marinha, aumentou em proporções alarmantes.

E' verdade que estes encargos são pagos pelos ricos; mas os pobres é que lhes sentem os efeitos.

Loucura monárquica

Uma greve reacionaria assim que o governo já deu uma prova de incompetência... porque houve uma greve.

E' edificantíssimo este critério de apreciação. Revela bem até onde vai a loucura monárquica na sua obsessão de desacreditar a República.

Em todos os países civilizados há greves, sendo certo que estas coisas entre o capital e o trabalho constituem já uma característica da própria civilização.

Apenas em Portugal se apontam como uma revelação da incompetência dos governos.

Os microbios

Ninguém ignora, decerto, que o ar que respiramos contém microbios, os quais, pela inspiração, invadem o nosso organismo, entrando pela boca e pelo nariz. Mas a pureza do ar varia consoante os pontos considerados. Assim, por exemplo, o das grandes altitudes e do mar é sempre pobre de microbios, ao passo que o ar das ruas populosas, das grandes cidades, é o mais cheio de micro-organismos.

Estudada a proporção de microbios do ar, numa levantada de poeira, por meio de aparelho apropriado, obtéve-se o seguinte resultado: Em 10 litros de ar aspirado na rua, a metro e meio de solo, enquanto o vento levantava uma nuvem de pó, encontraram-se 200 mil microbios diversos. Isto basta para se compreender a conveniência de respirar o menor possível nos lugares poeirentos e quanto higienicas são, portanto, as regras das ruas.

A perversidade da um pão

Ha tres anos, um velho de apelido Nirvaux, de 75 anos de idade, negociente em uma povoação não muito distante de Paris, disparou varios tiros de revólver contra sua filha, a qual teve a fortuna de sair ilesa desse estranha agressão.

Nirvaux foi preso e condenado a 28 meses de prisão.

Ao sair recentemente da cadeia, o velho concebeu o plano de vingar-se de sua filha, por haver esta declarado a verdade no tribunal.

Esperou-a em um caminho, de noite, quando supunha que ela regressava, em companhia de seu marido, dum festa campestre, e ao ver avançar um grupo, julgando que ia chegar a filha e o genro, disparou varios tiros de espingarda, ferindo gravemente outra mulher, de 35 anos de idade, que ia com o seu marido.

Na crença de que tinha morto a filha, aquele velho de más enranhas correu a um poço e precipitou-se nele, morrendo afogado.

Onze bois fazem desarrilar um comboio

Os jornais de Dijon dão conta do seguinte sucesso ali ocorrido:

Mr. Laurent, carniceiro daquela cidade, desbarcou onze bois na estação dos caminhos de ferro de mercadorias de Seurre.

Ocupava-se em pagar as despesas do transporte, quando os bois, que não estavam vigiados, se puseram a andar pela via, dirigindo-se a Naville, e encontrando-se com o expresso de Simplon, que marchava em direção contraria.

O maquinista deu freio mas não pôde evitar que os onze bois fossem esmagados pelo locomotiva.

O comboio descarrilou, voltou-se a máquina e ficou a via obstruída por um montão de carne sangrenta e de bastes.

Foi preciso pedir auxílio a Dijon.

Os passageiros do expresso apanharam um susto memorável!

A surpresa do carniceiro, ao ver os seus bois feitos em massas, não se podia descrever.

O pobre homem teve um prejuízo enorme.

CALAZANS DUARTE

Tendo sido convidado para instalar a administração do novo concelho de Alportel, encantou-se ali, desde o dia 25 de outubro, o nosso amigo e correligionário sr. José de Calazans Duarte. Em seguida a esta grande prova de consideração, tem o nosso amigo recebido no Alportel as maiores demonstrações de simpatia e apreço por parte das pessoas mais gradas e de todas as idades, de novo concelho, em cujas demarcações está espontaneamente implicamente expresso um grande entusiasmo.

Em contra as injustiças e desgraças que este bom amigo tem sido vítima, no que respeita à sua situação como secretário da administração do concelho de Faro. Pecados disciplinamente e suspensos, fui despedido do tribunal administrativo desta comarca, onde ficou subseqüentemente demitida a sua independência. Apesar disso, continuou a correr contra ele o processo e a multa, estando lá mais de dois anos dependentes de um recurso do Supremo Tribunal Administrativo interposto pelo sr. José de Calazans Duarte. Foi para nós uma surpresa esta espécie de conflito que se travou entre o tribunal administrativo, que suspendeu no funcionário público, e o tribunal

desprivilegiado, que o absolviu, sem que tivesse a sua decisão fizesse entrar esse homem funcionário no exercício das suas funções.

Mas os factos deram-se entre os dois tribunais, e o nosso amigo Calazans Duarte ainda hoje, há duas anos e tal, espere a sua palavra do Supremo Tribunal Administrativo.

Mas voltemos ao primeiro assunto: Os amigos de S. Braz ofereceram a Calazans Duarte, no dia 10 de outubro, numa grande caçada, de que favelecia o sr. Antônio Martins Sanches. Seguiu-se-lhe um grande jantar na unidade da sua família, em que assistiram mais de 70 convidados, tendo sido dada ao nosso amigo Calazans a presidência da festa. Ao jantar assistiram muitas pessoas de evidência no Alportel, tales como os srs. Uvas, Sanches, Guerreiros da Ponte, Dias, Passos, administrador do concelho, etc.

O nosso amigo esperava retificar-se diante da Aljezur nos dias de Nécessario.

E é a um homem destes, assim estimado, que se tem feito a continua fazenda a flagrante injustiça de o multar, arrastado e suspenso do seu lugar de serventaria, tendo todos os serviços prestados e lanta falta faz! Ora, é de uma ega revestida de panos vermelhos, ricos em bordaduras de ouro, que reluziam na sombra qual tremulus de um lago fantástico, uma mulher ainda jovem chorava convulsivamente... delirantemente e, nesse delírio, nesse convulsivo estalo de alma, nessa dolorosa apoteose feita de agonias, nua, como que entoava por ignorar regiões de anjos, harmonios celestes, cujas modulações tinham e se suavissimas tinham para seu espírito, torturado, a vaga subtilidade de um perfume raro.

Parecia dizer-lhe:

*Não choras, ó mãe saudosa
Por teu filho que morreu...*

Pois não havia de chorar?

Como suportariam lagrimas aquela dor intensa, crucientíssima que lhe dilacerava o coração?

Chorava!... Chorava muito!...

Seus olhos não podiam fitar aquele espetáculo, aquela cena todo dominada pela mais profunda influência da morte sem que legrasse muitas lagrimas, incessantes lagrimas, viesssem, ainda que por instantes, liberta da daquela visão de pavor...

Estava ali o seu filho, tres anos, muito lindo, com uma cabeleira de ouro... no sono da morte... um pouco mais paleido apenas... a dormir... a dormir para sempre...

Tinha-o vestido de branco; na sua pequena fronte uma grinalda de rosas brancas incastava-se no cabelo como fio jaspé em ouro, púrisimo...

As mãos—aqueles pequeninas mãos que era tantas vezes beijada e para as quais o seu ambiçioso orgulho de mãe apetecera um setor, pareciam sustar flores... a boquinha entreaberta sorria como normalmente felizes dos sonhos... dormia... e todo ele lembrava um grande lirio branco guardado num escrínio vermelho...

O lirio do céu escurecendo tornou-se azul. A fogueira do poente extinguiu-se; o arrendado das cortinas brancas conlundi-se na sombra e, derramando a sua luz muito lívida, as chamas dos círios parceram aumentar...

Mais reluzente, sob a incidência da luz, a ega resplandeceu... modelando com céreos rosto da creançinha, que uma estranha claridade alumbava, no seu eterno sono, sorrindo... sorrindo...

E o céu dos querubins, agora mais distorcido, como se fosse acompanhado a pequenina alma na sua ascensão ao infinito, parecia dizer à pobre mãe:

*Enquanto choras na terra,
Cantam os anjos no céu...*

Mas os soluços da desventurada, cujo bouquet de esperança inutil era breve a terra ia assimilar, continuaram convulsos... muito agitados, a interromper o agosto silêncio daquela noite linda, em que os primeiros raios das estrelas começavam a confundir-se com o subtilíssimo perfume das flores adormecidas...

Lyster Franco.

POETAS

VENDO-A SORRIR

Filho, quando sarris iluminás a casa
Dum divino esplendor.

A alegria é na infância o que na ave é azul

E é aroma na flor.

O bal doceira alegria, oh virginado santa
Dum sorriso infantil!

Quando o teu lirio filha, a minh'alma canta
Tudo o poema de Abril.

Eu sou o sol que expira o tu, meu anjo lóiro,
E's o sol que se eleva...

Inunda-me de luz, sorri... Polvilha de ouro
O meu manto de treva!

Guerra Junqueiro.

RELACIONES ENTRE PORTUGAL E BRAZIL

O ministro de Portugal em Petrópolis telegramou ao governo lembrando além de outras medidas a adotar de necessidade urgente, o estabelecimento de comunicações regulares com a Suécia e o funcionamento do porto franco de Lisboa a fim de se estreitar desde já relações comerciais entre Portugal e o Brasil.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar muitos artigos já compostos para este numero.

CONTOS E NOVELAS

DOLOROSA...

ceu tornava-se liso.

Pelas vidraças clarões rubros, reproduzindo brasas dispersas da grande fogueira do poente, prestes a extinguir-se, agoniavam.

Enojetava.

Nas rendas finas dos cortinados, vagamente iridiscentes, palas da luz vespertina, flândras de ouro e purpura estilisavam labirintos...

Ni apostou havia uma penumbra vaga, misteriosa, triste, apenas pontuada pelo tremor das círculas cujas flamas lembravam olhos de fogo perscrutando as trevas...

Junto de uma ega revestida de panos vermelhos, ricos em bordaduras de ouro, que reluziam na sombra qual tremulus de um lago fantástico, uma mulher ainda jovem chorava convulsivamente... delirantemente e, nesse delírio, nesse convulsivo estalo de alma, nessa dolorosa apoteose feita de agonias, nua, como que entoava por ignorar regiões de anjos, harmonios celestes, cujas modulações tinham e se suavissimas tinham para seu espírito, torturado, a vaga subtilidade de um perfume raro.

Parecia dizer-lhe:

Não choras, ó mãe saudosa

Por teu filho que morreu...

Pois não havia de chorar?

Como suportariam lagrimas aquela dor intensa, crucientíssima que lhe dilacerava o coração?

Chorava!... Chorava muito!...

Seus olhos não podiam fitar aquele espetáculo, aquela cena todo dominada pela mais profunda influência da morte sem que legrasse muitas lagrimas, incessantes lagrimas, viesssem, ainda que por instantes, liberta da daquela visão de pavor...

Estava ali o seu filho, tres anos, muito lindo, com uma cabeleira de ouro... no sono da morte... um pouco mais paleido apenas... a dormir... a dormir para sempre...

Tinha-o vestido de branco; na sua pequena fronte uma grinalda de rosas brancas incastava-se no cabelo como fio jaspé em ouro, púrisimo...

As mãos—aqueles pequeninas mãos que era tantas vezes beijada e para as quais o seu ambiçioso orgulho de mãe apetecera um setor, pareciam sustar flores... a boquinha entreaberta sorria como normalmente felizes dos sonhos... dormia... e todo ele lembrava um grande lirio branco guardado num escrínio vermelho...

O lirio do céu escurecendo tornou-se azul. A fogueira do poente extinguiu-se; o arrendado das cortinas brancas conlundi-se na sombra e, derramando a sua luz muito lívida, as chamas dos círios parceram aumentar...

Mais reluzente, sob a incidência da luz, a ega resplandeceu... modelando com céreos rosto da creançinha, que uma estranha claridade alumbava, no seu eterno sono, sorrindo... sorrindo...

E o céu dos querubins, agora mais distorcido, como se fosse acompanhado a pequenina alma na sua ascensão ao infinito, parecia dizer à pobre mãe:

Enquanto choras na terra,

Cantam os anjos no céu...

Mas os soluços da desventurada, cujo bouquet de esperança inutil era breve a terra ia assimilar, continuaram convulsos... muito agitados, a interromper o agosto silêncio daquela noite linda, em que os primeiros raios das estrelas começavam a confundir-se com o subtilíssimo perfume das flores adormecidas...

Lyster Franco.

A GUERRA

Por ser um documento notável na história da República Portuguesa, damos em seguida a proposta de lei apresentada pelo governo ao parlamento na memorável sessão de 23 do corrente, e que foi aprovado, sem restrição, por todos os partidos:

PROPOSTA DE LEI

E o poder executivo autorizado a intervir militarmente na atual luta armada internacional, quando e como julgue necessário a nossos altos interesses e deveres da nação livre e aliança, nomeadamente as fórmulas provisórias de momento re-clamei.

Findo esta leitura, o sr. Presidente do Ministério declarou:—Vou ler agora a nota elucidativa do presente projeto, redigida entre os governos português e britânico:

Logo ao princípio da guerra, Portugal afirmou espontaneamente que estava pronto, como aliado da Grã-Bretanha, a dar-lhe todo o auxílio. O governo inglês, apreciando altamente este claramente de cor-de-rosa solidariedade, convidiu, com estrambolhe reconhecimento, o governo português a contribuir a contribuir, de facto, consistente entre ambos, se estipulasse, com a sua empreitada, a paz e a segurança da Europa.

No domingo proximo passa-lhe, tendo o presidente da junta perguntado na sala das sessões pelo substituto do regedor, sr. Manuel Martins il s. Sanches, deputado este com o quadro que estava na mesma si, preventivamente, o regedor da junta que não se arnasse as suas responsabilidades, comprometendo assim a junta e o seu digno regedor desfruguei, compreendendo este injusto,

Não domingo proximo passa-lhe, tendo o presidente da junta perguntado na sala das sessões pelo substituto do regedor, sr. Manuel Martins il s. Sanches, deputado este com o quadro que estava na mesma si, preventivamente, o regedor da junta que não se arnasse as suas responsabilidades, comprometendo assim a junta e o seu digno regedor desfruguei,

reunisse, pois que ele tinha de apresentar contas dos donativos que tem recebido para reparações da igreja e nada tem apresentado o padre ao ouvir estas palavras, treinei e quasi de joelhos lhe pediu que não fizesse tal, porque o precipitava num grande abismo.

Decorridas duas horas, a junta reuniu em sessão ordinária, na qual, depois da leitura da ata da sessão anterior, e de deliberarem alguns trabalhos que tinham a tratar, o presidente fez saber aos vogais que o padre tinha mandado as já citadas portas sem autorização e que já era tempo de pôr cobro a tudo isto. Nesta altura entrou o padre (o que lhe é expressamente proibido a assistir às sessões sem que para isso seja convocado) e o presidente continuou expõendo aos vogais os deveres do padre para com a junta, fazendo votos para que se cumpra com as leis da atual regimen, lendo ele (presidente) alguns artigos da lei da separação da igreja do estado e que ele (presidente) estava disposto a arrumar a numba pinga e sair para cumprir e fazer cumprir as leis da paz. Purtroso exigia que o padre apresentasse a receipta dos dívidas angariadas e ao mesmo tempo a despesa e o salário, aquela o padre respondeu que até aquela data não podia apresentar, porque não tinha ainda apurado, mas que lhe faria daquela data em diante. Nesta ocasião deu-se uma certa tristeza e ridículo, que foi comentada por todos os presentes.

Um dia vangas, sr. Rafael de Brito trouxe a palavra para fazer a defesa do padre, dizendo que ninguém ainda tinha tomado a iniciativa de angariar dinheiro para com certos da igreja, por isso não havia leis a cumprir, e agora que o padre o tinha feito já se tinham de cumprir as leis. Aconselhou portanto o padre a fazer outra carta com a verba que ele visse que ficava em bom campo.

Mas como podia o padre fazer tal se ele já tinha confessado que não escrito?

Ali! que tristeza e que vergonha para a República ter na junta de paróquia num vilal que defende um padre, quando este quer calcar aos pés as leis que são regem!

Para traz, padre Vaz para traz, não prepasses mais com o teu halito impuro este terrão, onde se encontra a paz e o amor!

Queres envenená-lo com as tuas palavras garradas?

Dizei-me, padre, porquê malvivi das tuas predicas, no penúltimo domingo, aconselhavas as encantadoras raparigas destas serranias a desparem e a aventurem-se com os rapazes que andam sempre penteados e que usam marracha an-tai?

Dizei-me também, padre, porque motivo é que não gostando tu de que converses em igreja em segredo, és o próprio que das esse exemplo, como há dias foste surpreendido por uma velha, quando estavas a conversar com uma beata (mas das falsas) a eis com elas a um canto da igreja?

Fuga, padre, fuga para seu luogo e dei-me este puro humor - em paz!

Dizei-me, padre, quem vos autorizou a fazer entrega da chave de uma caixa de esmolas?

Sei tudo quanto a tua negra vida oculta, padre, vi tudo e eu saberei combater-te amada que me custa a propria vida.

Providências, dignissima junta! Privilícios, dignissimas autoridades!

Augusto Cesar.

jantar de despedida, que se realizará em Queluz no proximo dia 4 de dezembro.

— O sr. José dos Santos Simões Neto foi exonerado de juiz de paz de Silves.

— Apresentaram requerimentos para agentes da judicaria oficina multivuls, sendo logo rejeitados vinte e oito, pela incompetência de renovação dos mesmos requerimentos, e tres pela inspeção médica.

— O sr. dr. André Trindade Mimoso Correia, delegado em Mugadouro, foi transferido para Albufeira.

— O sr. dr. Luiz Clemente Paes de Sequeira, delegado em Albufeira, foi transferido para a Golegá.

— Fui declarado seu efeito o decreto que promoveu o sr. dr. Júlio Pereira de Melo a delegado da 2.ª classe, na parte em que o coloca em Vila Real de São António, e coloca-o em Oliveira do Hospital.

Os alemães em Angola

Da Capital:

«Neste momento, sabe-se que uma importante força de cavalaria alema sobe ao longo do vale do Cuhango e está marchando em terra-fria mussa. Não vem certamente prender-nos para expicar o insulto procedimento de Naulia e do Chingar; o que pretende é atacar-nos de surpresa segundo o método tão perniciosa dos estrategicos russos.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, domingo, 29.—D. Elvira da Silva Monteiro, D. Clássio Augusto Gonçalves, D. Eugénio Rita Formosinho, D. Maria da Silva Viegas, António de Carvalho Ferreira, Eduardo José Nunes, José Hugo da Silva Soares, Almeida Augusto Guerreiro e Francisco Pedro Orila.

Sexta-feira, 30.—D. Augusta Ferreira da Silva, D. Palma de Assunção Viegas, D. Felismina de Oliveira Ferreira, D. Manuela da Almeida Mendonça, José Hugo Amado da Cunha, Alvaro da Silva Matos, Carlos José Figueiredo, Manuel da Costa Pimenta e Joaquim Aurelio Filipe.

Terça-feira, 1.—D. Paula de Bivar Brandoiro, D. Isabel Medeiros Domingos, D. Juana Ayala, D. Maria de Sousa Namor, D. Clarisse da Silva Neves, D. Laia da Cunha Simões, José Antônio Ferreira, Augusto de Carmo Silva, Eduardo Rodrigues e Manuel Evangelista de Oliveira.

Quinta-feira, 2.—D. Maria Eulália Gomes, D. Ana de Sousa Monteiro, D. Eugénio de Oliveira Gonçalves, D. Crisóstomo Augusto Pacheco, Francisco André de Rosario, Joaquim de Melo Mendonça, João José Boaventura, Antônio Silveira Dias e Joaquim Miguel Guerreiro.

Sexta-feira, 3.—D. António de Faria Margarida, D. Maria de Sousa Correia, D. Joaquim de Jesus Gomes, D. Ana de Jesus Viegas, António Eduardo Monteiro Ortíz, João de Sousa Moreira, Augusto José Alves, Mauro Francisco da Sylva e José João Guedes Lameira.

Sábado, 4.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria Emilia da Silva, José Antônio Lopes Junio, Manuel Fernandes, Joaquim Eduardo Queiroz, e o manuel Antônio Melo Mendonça.

Sabado, 5.—D. Luisa Isabel Cotrim, D. Maria Amelia Alves, D. Isaura das Dores Cavaco, D. Lucinda das Dores Maiques, D. Maria

